


GONÇALO DA SILVEIRA, S. J. (1521-1561): O PRIMEIRO MISSIONÁRIO E PROTOMÁRTIR DA ÁFRICA AUSTRAL

Gonçalo Fernandes*

 <https://orcid.org/0000-0001-5312-6385>

Ezra Nhampoca**

 <https://orcid.org/0000-0002-8522-1608>

Como citar este artigo: FERNANDES, G.; NHAMPOCA, E. Gonçalo da Silveira, S. J. (1521-1561): o primeiro missionário e protomártir da África Austral. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-19, jan./abr. 2022. DOI 10.5935/1980-6914/eLETL15132

Submissão: fevereiro de 2022. **Aceite:** fevereiro de 2022.

Resumo: Gonçalo da Silveira, S. J. (Almeirim, 23/02/1521–Mwenemutapa/Monomotapa, 15/03/1561), chega a Moçambique em março de 1560 para evangelizar nas missões de Gamba, Tongue, Inhambane e Monomotapa – aportuguesamento de Mwenemutapa –, o poderoso reino africano entre a margem sul do rio Zambeze e o rio Limpopo, com a capital presumivelmente em Khami, atualmente na região de Matabelelândia, no Zimbabwe. Chega ao reino do Monomotapa Chisamharu Negomo Mupunzagutu (c. 1543-c. 1589, imperador de c. 1560 a c. 1589), em 26/12/1560, e Gonçalo da Silveira tornou-se uma pessoa da sua inteira confiança, a ponto de ele permitir a entrada em seus aposentos particulares. Cerca de um mês depois da chegada de Silveira, o Monomotapa foi batizado com o nome de Dom Sebastião e sua mãe, com o nome de Dona Maria. Todos os estudos apontam que os principais antagonistas de Gonçalo da Silveira eram os comerciantes muçulmanos, que sentiam que os seus interesses comerciais e religiosos estavam a ser ameaçados. Numa reinterpretação contemporânea

* Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal. E-mail: gf@utadt.pt

** Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal. E-mail: ezranhampoca@utad.pt

dos fatos históricos, Gonçalo da Silveira terá sido acusado de estar possuído pelo espírito de Dzivaguru-Karuva e Chicara, e de ser um traidor enviado por um fumo chamado Capote, do grupo dos Mongazes. O certo é que, em 15/03/1561, o jovem rei manda assassinar Gonçalo da Silveira, por enforcamento. Seu corpo foi lançado no rio Musengedzi, nunca tendo sido encontrado. Gonçalo da Silveira é reconhecido como o primeiro missionário do sudeste africano e o protomártir da África Austral.

Palavras-chave: Moçambique. Monomotapa. Missionação. Martírio. Jesuítas.

INTRODUÇÃO

■ O padre Gonçalo da Silveira, S. J. (Almeirim, 23/02/1521–Mwenemutapa (Monomotapa), 15/03/1561), era filho de dom Luís da Silveira (c. 1483-c. 1533), Senhor de Góis e 1º Conde de Sortelha, e dona Brites de Noronha Coutinho (c. 1480), filha de dom Fernando Coutinho (c. 1465), 6º Marechal do Reino (RODRIGUES, 1931, p. 11). À altura do seu nascimento, seus pais encontravam-se em Almeirim, onde tinham ido acompanhar o rei, que tinha o costume de ali passar parte do inverno (CORREIA, 2006, p. 11). Sua mãe faleceu no parto e, em virtude disso, Gonçalo da Silveira foi educado por sua irmã, dona Felipa de Vilhena (fl. c. 1500), casada com Luís Álvares de Távora (fl. c. 1500), 5º Senhor de Mogadouro, Mirandela e S. João da Pesqueira (TAVARES, 2021, p. 26). Seu pai veio a falecer também poucos anos depois (CORREIA, 2006, p. 12).

Frequentou os primeiros anos escolares no convento franciscano de Mogadouro (CAMPOS, 2017, p. 296; CORREIA, 2006, p. 12). Aí “estudou gramática e obteve outros conhecimentos escolásticos” (CORREIA, 2006, p. 12). Depois, seu irmão mais velho, o conde Diogo da Silveira, enviou-o ainda muito novo para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, onde permaneceu por alguns anos, antes de ingressar à Companhia de Jesus (CORREIA, 2006, p. 12). Em 9 de junho de 1543, ingressou na Companhia de Jesus, aos 22 anos (CORREIA, 2006, p. 16) e, depois do noviciado, cursou Teologia no Colégio de Gandia, em Valência, na Espanha, fundado por S. Francisco de Bórgia, S. J. (1510-1572), 4º Duque de Gandia e 3º Superior Geral da Companhia de Jesus (1565-1572). Gonçalo da Silveira foi companheiro dos fundadores da Companhia de Jesus, como Simão Rodrigues, S. J. (1510-1579), o primeiro provincial de Portugal, Santo Inácio de Loyola, S. J. (nascido Iñigo López de Oñaz y Loyola, 1491-1556) e São Francisco Xavier, S. J. (nascido Francisco de Jasso Azpilicueta Atondo y Aznáres, 1506-1552) (Fundação Gonçalo da Silveira [FGS], [s. d.]). Gonçalo da Silveira era considerado um excelente orador, muito influenciado pelos *exercícios espirituais* de Santo Inácio e, por esse facto, era convidado a pregar em vários pontos do país, mesmo ainda enquanto estudante (LEITE, 1946, p. 73-78). Segundo Paul Schebesta (2011, p. 81), Gonçalo da Silveira tinha uma robustez física e irradiava uma alegria incomum no exercício das duríssimas penitências, o que lhe permitiu cumprir com coragem tarefas de mortificação e ascese que caracterizavam o noviciado na época. Em 25 de fevereiro de 1550, obteve o grau de bacharel e pouco tempo depois o de doutor, tendo sido o primeiro da universidade a entrar para a Companhia de Jesus (RODRIGUES, 1931, p. 315).

GONÇALO DA SILVEIRA E AS SUAS MISSÕES NA ÍNDIA

O trabalho de Gonçalo da Silveira ao serviço da Companhia de Jesus, bem como da Coroa portuguesa, apesar de ter decorrido num curto período de apenas cinco anos (1556-1561), revela-se significativo para a historiografia missionária portuguesa (SCHEBESTA, 2011, p. 92). Tal trabalho foi desenvolvido primeiramente na Índia (1556-1559) e, depois, em Moçambique, na África Austral (1560-1561). O que torna as missões da Silveira singulares e relevantes no campo da historiografia missionária portuguesa foi, segundo os seus biógrafos, o facto de as ter desempenhado com competência e zelo, mas sobretudo por Silveira ter sido pioneiro no que diz respeito à missão evangelizadora na região da África Oriental ou Austral, como defende Chadwick (1910, p. v, tradução nossa):

*[...] o pó do esquecimento regista a história de vida de um sacerdote santo e austero, que, do remoto claustro de Coimbra, saiu para ocupar seu lugar na história como pioneiro do Evangelho de Cristo e da descoberta europeia no coração da África Austral*¹.

A hipótese da “descoberta da África” mencionada por Chadwick já foi muito questionada, sobretudo pelos estudos descoloniais, pois a África não foi descoberta, ela estava habitada há milhares de anos. O que há de considerar relevante na afirmação de Chadwick da “European discovery” é o facto de Silveira ter sido pioneiro na missão e evangelização cristã – e político-diplomática – no reino do Monomotapa². Tavares (2021, p. 39), sobre essa fusão de missões, religiosas e político-diplomáticas, afirma que Gonçalo da Silveira

[...], tinha atrás de si, como os seus companheiros, a experiência de que era um enviado para um empreendimento global, o qual, constituía um projeto fundamental da Companhia de Jesus – para o qual tinha sido designado pelo Padre Geral em Roma. Esse empreendimento estava intimamente ligado e dependente das relações estabelecidas, com a Coroa portuguesa no quadro do Padroado Português.

É no âmbito desse Padroado que o Rei D. João III se tinha responsabilizado, afirmando a diversos títulos a vontade de prestar apoio material e financeiro ao crescimento das missões jesuítas, tendo em vista a dilatação da Cristandade, a qual por sua vez constituiria igualmente uma forma de melhorar e fortalecer a coesão interna no quadro do império português.

Várias fontes, sejam as que descrevem essas incursões missionárias com algum encantamento, sejam as que procuram ser mais objetivas, têm mostrado que a atividade missionária do padroado português sempre esteve abraçada à empreitada colonial da Coroa portuguesa (SEVERO, 2019). Para Tavares (2021,

1 No original: “[...] the dust of forgotten records the life-story of a holy, austere priest, who, from the remote cloisters of Coimbra, went forth to take his place in history as the pioneer of Christ’s Gospel and of European discovery in the heart of Southern Africa”.

2 Mwenemutapa, topónimo da língua Shona na origem e aportuguesado para Monomotapa, é formado a partir do antropónimo Mutota, fundador do Império Rozvi na África Oriental, e de Mwene, significando etimologicamente “senhor das minas conquistadas” (KERR; WRIGHT, 2015, p. 572), o poderoso reino da África Austral, entre a margem sul do rio Zambeze e o rio Limpopo, com a capital presumivelmente em Khami, atualmente na região de Matabelelândia, no Zimbábue, cujas ruínas foram inscritas na Lista de Património Mundial em Perigo pela Unesco em 1986 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA [UNESCO], [s. d.]; SANGER; BRADLEY; INGHAM, 2020).

p. 24), “o cristianismo foi visto como sendo um elemento essencial da ideologia dominante e constituía um traço fundamental da ideologia expansionista portuguesa e o seu principal fator de coesão”. Tal é igualmente sustentado pelo facto de religiosos como Gonçalo da Silveira terem recebido missões do padroado, mas também políticas por parte da Coroa, num contexto em que as duas dimensões se imbricavam.

Schebesta (2011, p. 83) reafirma esta dupla missão religiosa-política do padre Silveira na sua missão, exemplificando com a incitação à libertação de Chaul, a sul de Bombaim, e se envolvendo diretamente na conquista de Damão, a norte de Bombaim, na costa ocidental da Índia:

É inegável que, logo desde o início da sua actividade missionária, D. Gonçalo entrou também no mundo da política. Nas suas pregações incitava os ouvintes à luta de libertação de Chaul, que se encontrava sitiada; ele próprio se integrou no exército à conquista de Damão, que acabou tomada pelos portugueses, onde celebrou a primeira missa.

Gonçalo da Silveira partiu para a Índia em 30 de março de 1556, juntamente com mais 13 padres jesuítas, tendo sido nomeado provincial da Índia por Santo Inácio, sucedendo a São Francisco Xavier e ficando em Goa responsável por essa missão (TAVARES, 2021, p. 35-36; LEITE, 1946, p. 121-144). Nessa altura, Goa era o centro político da Índia e o principal centro das missões jesuítas daquele Estado. Goa tinha se tornado “o empório das conquistas portuguesas no Oriente” (SCHEBESTA, 2011, p. 77). Tavares (2021, p. 35) indica também que o envio desse grupo de missionários tinha sido articulado entre Inácio de Loyola, o rei dom João III (1502-1557) e o padre Diogo Mirão, S. J., provincial da Companhia de Jesus em Portugal, e que se destinavam previamente para as missões na Etiópia. Gonçalo da Silveira e seus companheiros passaram a 50 milhas do Brasil e chegaram à Ilha de Moçambique no dia 25 de julho; lá permaneceram 18 ou 19 dias, tendo chegado à Índia em 6 de setembro de 1556 (CHADWICK, 1910, p. 34; TAVARES, 2021, p. 39; CORREIA, 2006, p. 32).

Sobre a missão da Silveira na Índia, só nos últimos anos é que tem havido alguns estudos dedicados a Silveira e que fazem referência ao seu trabalho na Índia, tais como os de Tavares (2021) e Correia (2006). No entanto, em 1946, as publicações científicas apenas mencionavam o seu martírio na África Austral. Leite (1946, p. 17-18), por exemplo, defende que muitos trabalhos realizados sobre a vida do missionário Gonçalo da Silveira são parciais, porque o consideram apenas pela sua missão e martírio em África, enquanto a sua obra na Índia, como provincial, fica inteiramente esquecida.

O certo é que, depois da sua chegada à Índia, Silveira rapidamente demonstrou conhecimento e interesse na identificação dos problemas e das necessidades existentes nas comunidades e missões onde os jesuítas atuavam, “com quem pretendia dinamizar e transmitir uma verdade religiosa universal, tendo presente a relativa escassez dos recursos existentes, espalhados por vários pontos do Oriente, muito afastados geograficamente entre si” (TAVARES, 2021, p. 39). O padre Gonçalo da Silveira permaneceu na Índia por apenas três anos e “notabilizou-se como pregador” (CORREIA, 2006, p. 32). Efetivamente, dentre as actividades realizadas na Índia, ressaltam-se as suas pregações, confissões e as visitas aos doentes. Nas palavras de Tavares (2021, p. 43),

[...] os primeiros tempos de permanência em Goa, ainda no final de 1556, foram preenchidos também por parte de Gonçalo da Silveira com pregações aos domingos e feriados, com confissões, e visitas aos doentes ao hospital – tal como ali faziam outros seus companheiros.

Por outro lado, suas atribuições de provincial o levaram a viajar e a pregar em vários outros lugares além de Goa, como Baçaim ou Bassaim, Chaul, Taná, Damão e Cochim (CHADWICK, 1910, p. 37-40; LEITE, 1946, p. 133-136), algumas vezes, não apenas por missões religiosas, mas também político-militares:

Pouco tempo depois, o Governador pediu ao novo Provincial que este o acompanhasse até Baçaim, na costa ao Norte de Goa, onde havia sinais de guerra. O que este viria a fazer, acompanhando-o, [...] aproveitando para visitar as comunidades cristãs de Chaul e Taná. As visitas e acompanhamento das casas e comunidades jesuítas constituíam igualmente uma das principais atribuições a realizar por um provincial.

Assim, ainda em 1556, o provincial Gonçalo da Silveira, integrado na fusta de D. Francisco Mascarenhas, acompanhara o Governador Francisco Barreto na ida a Baçaim, com passagem em Chaul, onde ficou ali oito dias, a que se seguiu uma ida e visita a Taná, aonde permaneceu uns dias, numa localidade onde também existia uma missão da Companhia de Jesus (TAVARES, 2021, p. 44).

Esse envolvimento de Gonçalo da Silveira não apenas em missões religiosas, mas também político-militares, é igualmente relatado por Schebesta (2011, p. 83).

Segundo Leite (1946, p. 126), “a presença de Gonçalo da Silveira em Goa melhorou de princípio sobretudo as condições de vida dos desgraçados que jaziam presos e já doentes, sem defesa possível das horrorosas consequências da falta de asseio”. Diz a autora que, perante aquela situação, Silveira teria ordenado ou permitido que os religiosos da companhia repartissem com eles suas refeições diárias e, igualmente, ordenou que se fizesse limpeza na prisão.

Uma de suas preocupações enquanto provincial, em Goa, foi a melhoria das condições de funcionamento do Colégio de São Paulo³ (CHADWICK, 1910; TAVARES, 2021). Silveira “interessou-se pela formação de novos jesuítas, reservando para Noviciado uma parte do Colégio de S. Paulo” (CORREIA, 2006, p. 32). No exercício da sua missão na Índia, também se preocupou com informações segundo as quais havia sinais de desobediência das ordens de Roma e da Companhia de Jesus por parte do lendário Preste João⁴ (LEITE, 1946, p. 137; TAVARES, 2021, p. 44). Outra missão relevante levada a cabo por este missionário foi a cooperação na promulgação das leis de Francisco Barreto, que, segundo Leite, foram o ponto de partida duma acção missionária mais sólida e intensa nas terras sob o domínio portugueses.

O padre Gonçalo da Silveira também se interessou por conhecer as escrituras sagradas do povo hindu e, com a colaboração do padre Francisco Rodrigues, S. J. (1513-1573), teria auxiliado um brâmane convertido ao cristianismo na

3 O Colégio de S. Paulo constituía um centro de ensino e formação religiosa, com o qual a Companhia de Jesus pretendia ter um efeito dinamizador no futuro, pois os meninos e religiosos a formar teriam ainda o conhecimento das suas línguas nativas, de uso muito útil nas várias missões constituídas ou a realizar, para as quais era constantemente pedido o envio de novos missionários da Europa (TAVARES, 2021, p. 42).

4 Preste João teria sido um lendário rei e sacerdote cristão do tempo das primeiras cruzadas, no século XI, e, segundo a lenda, o seu poderoso reino se situaria, umas vezes, na Mesopotâmia, outras vezes, na China, Índia, Arábia, África Ocidental e Etiópia.

tradução da obra de um famoso pensador hindu de Goa para a língua portuguesa. Leite resume a missão de Gonçalo da Silveira na Índia numa secção que designou por “resultados práticos”, da seguinte forma:

Desde a sua chegada a Goa, onde logo lhe foi lida a patente de Provincial, a actividade de D. Gonçalo da Silveira foi igual durante os três anos que desempenhou superiormente o honroso cargo que lhe destinou Santo Inácio de Loiola. Organizou os estudos e o noviciado. Visitou quasi todas as casas das missões jesuítas. Dedicou-se o quanto pôde a baptizar e a doutrinar. Ocupou-se grandemente da assistência religiosa aos soldados. Conseguiu que se decretasse leis protectoras dos neo-convertidos, combatendo tenazmente a rebeldia dos judeus que, por esse motivo, tentaram assassiná-lo na ilha do Chorão. Estes são os factos mais geralmente conhecidos (LEITE, 1946, p. 142).

Esse trecho sugere que, na sua missão na Índia, Gonçalo da Silveira também enfrentou algumas dificuldades, destacando-se a sua relação com o padre Francisco Rodrigues e a questão dos judeus, que não o aceitaram muito bem. Tavares (2021, p. 58) também evidencia a presença de algumas dificuldades enfrentadas por Gonçalo na sua missão na Índia ao referir, por exemplo:

Embora nas cartas enviadas pelos Provinciais da Índia ao Provincial de Portugal e seus companheiros se enfatizassem os resultados e benefícios das missões que eram desenvolvidas no quadro do Padroado e em missões próximas ou integrando o Estado da Índia, mesmo assim, não eram escondidas muitas das dificuldades existentes, nem os estilos ou atuações de cada um dos missionários, que eram distintas, e adaptadas também em função das necessidades, características e cultura dos povos perante os quais desenvolviam a sua ação.

GONÇALO DA SILVEIRA E A SUA MISSÃO NA ÁFRICA AUSTRAL

Depois de cumprir a missão na Índia, Silveira segue para a África Oriental, para os reinos de Tongue e Monomotapa, onde viria a morrer em circunstâncias que, até os dias de hoje, suscitam muitos debates e dúvidas.

Os problemas tidos na Índia podem ter sido um dos motivos da sua saída dessa missão, tendo a Companhia de Jesus enviado-o para um novo projeto na África Oriental. Leite (1946, p. 149) mostra que, por meio de uma carta escrita pelo próprio Silveira em 1559, a partir de Coimbra, fica evidente que houve outros fatores que influenciaram a sua saída de Goa, para além da necessidade de a Companhia de Jesus precisar de uma pessoa de máxima confiança lá:

Apesar de tudo isto, diz D. Gonçalo no último parágrafo da missiva, o Padre António Quadros não o deixaria largar os ministérios, para que tanta precisão tinha dele, se não fôra a impopularidade que lhe ficara, a D. Gonçalo, do inquérito aos judeus e outras pessoas. O facto não atingira decerto, tal importância, se o não tivessem injustamente ampliado os interessados (LEITE, 1946, p. 149).

O facto de Gonçalo da Silveira ter sido enviado para Moçambique por ser considerado capaz e de confiança, mas também por causa da sua impopularidade na Índia, ficou registado também no trabalho de Tavares (2021, p. 58), citando uma carta do padre Francisco Rodrigues:

Com efeito, numa carta, datada de 17 de novembro de 1559, escrita pelo Padre Francisco Rodrigues, desde Goa, ao Padre Geral Lainez, em Roma, se reconhecia e enfatizava as virtudes de Gonçalo da Silveira, “das virtudes que se já se viam nele, quase vem muito mais: amigo da abstinência, da oração e recolhimento [...] e nesta parte tem muito edificado aos que sabem como nele se ha.” E mais adiante referia que havia então requerido ao P. Provincial que o mandasse para Moçambique, “porque se pretende fazer-se ali hum rei christao e com o seu reino, e alega ho como esta malquistado e ho pouco produto que nesta terra pode fazer, estando da maneira que esta, e na verdade assim se vê”.

Em 1559, chega aos missionários, em Goa, a notícia de que Moçambique, na África Oriental, tinha as portas abertas para receber o cristianismo. No mesmo ano, o padre geral, Diogo Laynez, S. J. (1512-1565), nomeou, para suceder o padre Gonçalo como Provincial da Índia, o padre António Quadros (CORREIA, 2006, p. 36). Terá sido por essas alturas que dom Constantino de Bragança (1528-1575), vice-rei da Índia, teria sido instigado por Sebastião de Sá, capitão e governador de Sofala e Moçambique, a desafiar a Companhia de Jesus em Goa e a abrir uma missão em Moçambique, tendo o padre Gonçalo se oferecido para tal missão (CORREIA, 2006, p. 36).

Schebesta (2011, p. 79-80) atesta que, na verdade, o impulso para a abertura de uma missão na África Oriental não partiu de mercadores portugueses que lá habitavam, mas dos próprios nativos africanos da região de Inhambane, ao sul. O filho do rei de Tongue teria criado boas relações com os portugueses, tendo este solicitado batismo e, por isso, seguiu para a Ilha de Moçambique. De lá, regressou batizado ao reino, tendo como nome de batismo Sebastião, e cheio de presentes oferecidos pelos portugueses. Os irmãos do recém-batizado ficaram impressionados pelos presentes e decidiram que também queriam ser batizados. O rei de Gamba, para evitar que os outros filhos saíssem atrás do batismo, preferiu chamar missionários para o seu reino. Ainda para Schebesta (2011, p. 79), para além de evitar que seus filhos saíssem da terra, o rei acreditava que esta seria uma forma de manter boas relações com os portugueses, o que, para ele e o seu reino, seria muito benéfico. Aponta que tudo se concretizou com a visita de dom frei Jorge Temudo O. P. (c. 1505-1571), bispo de Cochim e grande amigo dos jesuítas. A partir do que esse bispo relatou sobre a possibilidade de se abrir uma missão na África, Gonçalo da Silveira escreveu uma carta ao superior-geral, em novembro de 1559.

Nessa missiva, segundo Schebesta (2011, p. 79), o padre Silveira mostra que o desejo de criação de uma missão na África, por parte do bispo Temudo, era tanto, chegando o mesmo a afirmar que se ele “já não estivesse comprometido com a sua Ordem, gostaria de tornar-se missionário”, pois era manifesta a vontade de os nativos africanos se tornarem cristãos. Na mesma carta, relata que o território vivia em paz e que não havia lá judeus nem mouros. Informava igualmente que os indígenas tinham muito respeito e consideração pelos portugueses. Isso mostra, de alguma forma, que na Índia já havia dificuldades em lidar com mouros e judeus. Na carta, relata-se o episódio do batismo do filho do rei e apresenta-se a possibilidade de as atividades comerciais serem bem-sucedidas na região, e que, a partir daí, seria mais fácil a chegada ao império de Monomotapa e a possível conversão do imperador e seu povo ao cristianismo.

Gonçalo da Silveira foi escolhido pelo bispo de Moçambique para a missão evangelizadora da África Oriental (CHADWICK, 1910, p. v; CHIRENJE, 1973,

p. 39-40). “O seu perfil parecia ser o mais indicado para essa tarefa: gozava de óptima reputação e era um líder dotado de muito dinamismo e abnegação” (SCHEBESTA, 2011, p. 80). Gonçalo, feliz por poder participar de mais uma missão de evangelização, levava também uma “uma carta de recomendação do vice-rei, que o tornava embaixador do Rei de Portugal” (SCHEBESTA, 2011, p. 80).

O navio que transportava os três missionários para Moçambique partiu de Chaul em 5 de janeiro de 1560 (CORREIA, 2006, p. 40; TAVARES, 2021, p. 68). Chaul, a essa altura, era, de acordo com Tavares (2021, p. 68), a cidade que constituía o ponto de partida dos navios portugueses que iam pela costa moçambicana, no âmbito do comércio entre a Índia e a costa oriental da África. O padre Silveira partiu juntamente com dois companheiros, o padre André Fernandes e o irmão André Costa (LEITE, 1946, p. 154; SCHEBESTA, 2011, p. 80).

Não é consensual a data exata da chegada do padre Gonçalo à Ilha de Moçambique, pois, para Schebesta (2011, p. 83), “nos primeiros dias de fevereiro de 1560, já os três missionários jesuítas, Dom Gonçalo da Silveira, P. André Fernandes e Irmão André Costa aportavam a Moçambique”, mas, para Correia (2006, p. 40), a chegada ocorreu no dia 4 de fevereiro, e, para Leite (1946, p. 152) e Tavares (2021, p. 69), no dia 5 de fevereiro.

Na Ilha de Moçambique, o padre Gonçalo não perdeu a oportunidade de evangelizar. Ali, ele celebrou algumas missas e realizou confissões, enquanto eram negociadas as provisões para a viagem a Inhambane (TAVARES, 2021, p. 69). Correia relata que, na Ilha de Moçambique, os missionários encontraram o ex-governador da Índia, Francisco Barreto, que lhes ofereceu mesa e pousada. Silveira agradeceu, com o devido respeito, cortesia e humildade, mas não aceitou. Outra oferta foi da parte do governador Pantaleão de Sá, que, sabendo que iria viajar em alguns dias e passaria por Sofala, lugar por onde os missionários deviam passar também, no caminho para Inhambane, convidou o padre Gonçalo e seus companheiros para viajar no seu navio, oferecendo, igualmente, o navio, depois de Sofala, para seguirem viagem até Inhambane. Gonçalo da Silveira, “porque estava com pressa de chegar ao destino, recusou este confortável transporte para insistir em embarcar num pangaio”⁵ (CORREIA, 2006, p. 41). Nessa viagem, levaram consigo dois portugueses, um dos quais era criado do Capitão, que serviria de guia, pois conhecia bem a terra, e um nativo de nome João Raposo. Partiram da Ilha de Moçambique em 12 de fevereiro. O padre Gonçalo chegou a Inhambane doente, pois a viagem tinha sido muito penosa, como relata Schebesta (2011, p. 84):

Após 27 dias de navegação junto à costa, utilizando uma embarcação rudimentar que o P. Gonçalo dirigia com a perícia de um marinheiro experimentado, os três, bastante debilitados pela doença, chegaram ao porto de Sofala; de lá partiram para Inhambane, a sul, de onde, na altura, era possível continuar viagem, a pé ou de liteira, até Tongue, o reino do “rei” Gamba.

Segundo o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos da Junta de Investigações Científicas do Ultramar (CEHUJICU, 1975, p. 210), os dois reinos africanos situavam-se “entre Sofala, Moçambique, no litoral meridional da África, junto do Cabo da Boa Esperança”, tendo os três missionários escalado primeiro o reino

5 “Embarcação feita de madeira leve e cosida com cordas (cairo). Normalmente, tinha dois mastros com velas latinas (de palma). Era comum na África Oriental e na Índia, com que faziam comércio” (CORREIA, 2006, p. 41, nota 9).

Tongue, em Inhambane. O Cehujicu (1975, p. 210) descreve a região como sendo rica em ouro, mas com clima insalubre e onde se escasseavam mantimentos e remédios, sendo o feijão e o arroz a base da alimentação dos que ali viviam. Esses fatores são apontados como sendo a causa da doença que atormentou os missionários logo à sua chegada àquelas terras.

O padre Gonçalo, mesmo antes de se refazer da doença, na partida para Inhambane, ordenou ao seu companheiro, padre André Fernandes, para prosseguir até o reino de Tongue para informar o rei Gamba sobre a chegada do delegado do vice-rei. O padre André Fernandes fez essa viagem a pé, o que possivelmente terá contribuído para contrair uma grave infecção de malária (SCHEBESTA, 2011, p. 84; CORREIA, 2006, p. 43). Schebesta (2011, p. 84) mostra que, duas semanas depois, dom Gonçalo também chegou doente ao reino de Inhambane. Entregou ao rei a carta de recomendação e os presentes do vice-rei. Rapidamente, os presentes surtiram efeitos positivos. Logo o rei de Tongue deu liberdade total para que os missionários evangelizassem e batizassem quem quisessem. Na mesma linha, Correia (2006, p. 43) afirma que o rei Gamba ficou muito contente com a presença do padre Gonçalo em suas terras, sentiu-se muito honrado com a carta do vice-rei e “deu licença para que se batizassem todos os que quisessem”.

No reino de Tongue, Silveira batizou o rei, a esposa e a irmã do rei, tendo estes tomado os nomes de Constantino, Catarina e Isabel, respetivamente. E seguindo o exemplo do seu soberano, igualmente foram batizados os filhos do rei, os parentes, os nobres do reino e a maioria do povo de Tongue. Em apenas sete semanas em que o padre Gonçalo da Silveira permaneceu em Tongue, batizou cerca de 400 pessoas (SCHEBESTA, 2011, p. 89; CORREIA, 2006, p. 43). O padre Silveira relata esses batismos rápidos como parte do sucesso da sua missão em Tongue, mas Schebesta (2011, p. 84) toma uma posição bastante crítica em relação a esse tipo de batismo:

Seguindo o exemplo do seu soberano, que foi batizado com o nome de Constantino, os dignitários da corte, com todas as mulheres dos seus haréns, receberam as águas santas do sacramento cristão [...] isto, numa época, em que, para se receber o batismo, era exigida uma catequese de longa duração. Ora, eles conseguiram-no, após somente três semanas de ensino, no que viam uma grande bênção de Deus.

O padre Gonçalo deixou a missão de Tongue aos cuidados do seu companheiro e partiu para iniciar a missão no reino de Monomotapa. O padre André Fernandes não teria concordado com os planos do seu superior, visto que a missão em Tongue acabava de iniciar e era necessário consolidá-la. O irmão André Costa, por motivos de saúde, teve de regressar a Goa. A situação em Tongue alterou-se. O padre Fernandes percebeu que o cristianismo não tinha modificado os nativos de Tongue, pois, assim que se esgotaram os presentes, a comunidade do reino de Tongue, recém-convertida, mostrou que não havia abandonado os seus hábitos antigos e práticas culturais. E, como o padre Fernandes criticava duramente as práticas do povo de Tongue, passou a ser uma presença incômoda (CORREIA, 2006, p. 46), a ponto de o rei Gamba proibir a catequese e a pregação (SCHEBESTA, 2011, p. 90). Passado algum tempo, o padre André Fernandes soube da presença dos padres Pedro Tovar e Luís de Goes em Sofala e decidiu ir ter com eles para se confessar e, de lá, foi chamado de regresso à Índia pelo padre António Quadros, terminando, desse modo, a missão no reino de Tongue.

GONÇALO DA SILVEIRA NO REINO DO MONOMOTAPA

Chega ao reino do Mwenemutapa Chisamharu Negomo Mupunzagutu (c. 1543-c. 1589, imperador de c. 1560 a c. 1589), em 26 de dezembro de 1560 (CORREIA, 2006). Para Schebesta (2011, p. 58), “o reino de Monomotapa estendia-se desde o Oceano Índico até ao interior de África. O seu centro era a região de Kalanga”, ou Mocaranga, onde residia o imperador. Essa residência era designada Zimbabwe ou Grande Zimbabwe. As fontes portuguesas não se referem à localização exata da capital do Monomotapa, mas existe uma forte possibilidade de ser presumivelmente em Khami, a cerca de apenas 15 quilômetros a oeste de Bulawayo, no Zimbabwe (NICOLAIDES, 2011, p. 134), cujas ruínas foram inscritas na Lista de Patrimônio Mundial em Perigo pela Unesco em 1986 (UNESCO, [s. d.]; SANGER; BRADLEY; INGHAM, 2020; ICOMOS, 1986). Paul Schebesta (2011, p. 58) descreve o reino de Monomotapa como uma região montanhosa ou planáltica, com um clima saudável, fértil e rica em águas, o que justifica o facto de serem terras propícias para a criação de gado. A região era rica em ouro, por isso, rapidamente despertou o interesse dos conquistadores portugueses que chegavam àquela região com o interesse de explorar essa nova descoberta. Esse autor atesta que muitas informações sobre Monomotapa são fornecidas pelos muçulmanos, pois estes, muito antes da chegada dos portugueses, já praticavam comércio de ouro com o império de Monomotapa no interior, razão pela qual dispunham de muitas informações sobre a região. Segundo Schebesta (2011, p. 59), os grandes chefes Monomotapa eram originários de Butua – os prefixos bu- e vu-, nas línguas Bantu, exprimem nomes abstratos e nomes de territórios, e o radical -tua designa tribo. Era de lá que vinha a maior parte do ouro. Os Monomotapa teriam sido expulsos de Butua pelos seus habitantes, a temida tribo guerreira Ba-Rozui ou Bo-Robzes, da qual saíram os Monomotapa, antepassados dos posteriores Zulu e Matabele-Swazi.

A região dos Monomotapa era fruto de várias conquistas de outros reinos à volta e foi crescendo num sistema de dinastias, a chamada a dinastia dos Monomotapa. Segundo Costa (1982), o Estado de Muenemutapa surge da desintegração do Estado do Zimbabwe na sequência da invasão e conquista do norte do planalto do Zimbabwe pelos exércitos de Mutota, ocorrida entre 1440 e 1450. Mutota foi o núcleo do dirigente invasor que teria dado origem a uma dinastia, a dinastia dos Mwenemutapa, que se constitui e se fortalece numa aristocracia dominante, subordinando os povos preexistentes naquele território. Por esse motivo, o reino ou império de Monomotapa era constituído por uma “longa dinastia (séries de reis, filhos uns dos outros)”, que dirigiu o Estado de Monomotapa a partir de 1425 até 1884 (CARVALHO; SERRA; MOREIRA, 1988, p. 6). Os autores acrescentam que a primeira das dinastias foi a de Mutota. Com a sua morte, Mutota foi sucedido pelo filho, Matope. Este dedicou-se a alargar o território herdado do pai, conquistando e criando a federação de Estados de Barué, Manica, Danda ou Madanda, Chedima e Teve ou Kiteve. Esses estados eram obrigados prestar vassalagem e a pagar tributo ao Monomotapa Matope.

Roufe (2015, p. 473-474) também mostra que Matope, ao suceder seu pai Mutota, continuou o seu legado de conquista a outros povos. Dominou o território até o rio Ruenha, onde suas conquistas foram travadas por algum tempo, por uma princesa de nome Chicara, que era muito mais poderosa que Matope. Mais tarde, Chicara teria sido vencida e perseguida pelos guerreiros de Matope. Ela

conseguiu fugir e desapareceu numa região chamada Nacacote, onde se conta que surgiu um lago chamado Choma e que, até os dias de hoje, os habitantes do lugar acreditam que a princesa e seus guerreiros tenham se afogado no tal lago.

Na época em que os portugueses conheceram Monomotapa, este já havia entrado em decadência. Muitos dos estados, antes dominados e anexados, tinham se tornado independentes (SCHEBESTA, 2011, p. 59). Até 1561, ano da ida de Gonçalo da Silveira a Monomotapa, este ainda era um dos mais importantes reinos da região (LEITE, 1946, p. 163). De acordo com Tavares (2021, p. 79), o império de Monomotapa já era muito conhecido pelos comerciantes portugueses que por ali haviam se instalado, em Sena e em Tete, pois já praticavam comércio com os importantes produtos vindos da região onde se localizava o império de Monomotapa, sobretudo a troca de panos de algodão por marfim e ouro. Segundo a autora, Gonçalo da Silveira se beneficiou dos contactos desses portugueses para realizar as viagens e obter apoio inicial.

Depois de deixar Tongue, o padre Silveira seguiu para Monomotapa. Em sua viagem, teria passado, novamente, pela Ilha de Moçambique. Aí, recolheu cartas de recomendação do vice-rei para o rei de Monomotapa, o que leva Schebesta (2011, p. 92-93) a afirmar que o vice-rei teria sido o maior impulsionador da ida de Gonçalo a Monomotapa, até porque a saída do padre de Tongue para Monomotapa ocorreu sem a devida autorização do seu superior em Goa.

Schebesta (2011, p. 93) acrescenta que

Os verdadeiros motivos para a partida de D. Gonçalo, que nós aqui apresentamos, parecem actualmente mais que evidentes, até do ponto de vista de estudos portugueses: D. Gonçalo terá empreendido a viagem, não por livre iniciativa, mas antes, a convite do vice-Rei, [...]. Tudo indica que foi o próprio vice-Rei da Índia quem literalmente, o forçou a isso. Tudo com o objectivo, [...] de abrir aos portugueses os caminhos das minas e estudar maneiras de conquistá-las. No caso de a investida da Silveira não resultar, passar-se-ia à fase seguinte, tomando-as à força.

Perante essas informações, Schebesta (2011, p. 93) coloca uma questão que considera crucial: se o padre Gonçalo da Silveira teria ido a Monomotapa na qualidade de missionário ou, antes, como delegado político.

Chegando à Ilha de Moçambique, o padre Silveira evangelizou e realizou batismos. Depois, a caminho do reino do Monomotapa, levou consigo seis portugueses como companheiros e embarcaram num barco a remo, alcançando o litoral através do rio Mafuta. Durante essa viagem, foram assolados por uma grande tempestade. Silveira, julgando que iam morrer afogados, ajoelhou e orou com fervor, até que a tempestade se acalmasse (CEHUJICU, 1975, p. 212). A mesma fonte relata que, tendo todos sobrevivido, no dia seguinte, Gonçalo da Silveira improvisou um altar naquela praia em dedicação a São Jerónimo. Nesse lugar, ficaram três dias até que o mar se tranquilizasse para continuarem com a viagem em direção ao rio Quelimane.

Nota-se alguma contradição nas fontes no que diz respeito ao meio usado para essa viagem, bem como à data do embarque. Enquanto o Cehujicu (1975) refere que a viagem foi feita num barco a remo, Leite (1946, p. 165) defende que “Dom Gonçalo da Silveira embarcou a 19 de agosto de 1560 num navio ligeiro ou fusta de vela, bem equipado, com acompanhamento de seis portugueses [...]”, e Correia (2006, p. 48) refere que “em 18 de Setembro desse mesmo ano de

1560 embarcou numa fusta, em companhia de cinco ou seis portugueses, em demanda do Reino do Monomotapa”. Iam também com o padre apenas dois serviços indianos, um chamado Calisto e um intérprete chamado António Dias (SCHEBESTA, 2011, p. 94).

Subindo pelo rio Quelimane, correram perigo novamente, sendo atingidos por outra tempestade, o que fez com que se dirigissem para a região de um rei, o rei de Quiloa, chamado Mingoachane ou Mingoaxant, ou ainda Mingoaxane, tido como amigo dos portugueses. Esse rei recebeu-os bem e ainda deu ao padre autorização para pregar o evangelho, pois, embora fosse muçulmano, ele desprezava o maometismo e, segundo as fontes consultadas, desejava converter-se, e a todo o seu reino, ao cristianismo (CEHUSICU, 1975, p. 212; LEITE, 1946, p. 165).

Uma vez que seu objetivo principal era chegar a Monomotapa, Gonçalo da Silveira não se demorou ali, despediu-se e seguiu viagem, junto com os companheiros. Partiram para o rio Zambeze, na divisão entre Luabo e Quelimane, até o rio Cuama. Ai também foram surpreendidos por outra tempestade, tendo se abrigado em Linde, onde demoraram três dias. Ai, Gonçalo abençoou a terra, celebrando uma missa no seu altar “portátil” (LEITE, 1946, p. 166).

Oito dias depois, seguiu para Sena. Daí a alguns dias, chegava à região, onde viviam entre 10 e 15 portugueses, alguns cristãos da Índia, chamados canarins, centenas de nativos e escravos. A essa altura, Sena era a maior e mais importante localidade da Zambézia (SCHEBESTA, 2011, p. 95). De Sena, Silveira enviou um mensageiro ao imperador de Monomotapa para anunciar a sua chegada e, segundo Schebesta (2011, p. 95), pedia também uma audiência com o Monomotapa. Enquanto esperava a resposta por parte do rei de Monomotapa, celebrava missas entre os portugueses que ali viviam. Muitos deles tiveram a oportunidade de se confessar e, vendo que muitos se haviam juntado às mulheres daquela região, Gonçalo da Silveira fez com que celebrassem o matrimônio. Para além disso, ensinou a doutrina cristã e batizou cerca de 500 escravos dos portugueses que ali viviam (CEHUSICU, 1975, p. 214; LEITE, 1946, p. 166).

Estando em Sena, Gonçalo da Silveira foi várias vezes ter com o rei de Inhame ou Inhamony, que era um dos vassallos de Monomotapa. Dom Gonçalo conseguiu fazer com que esse rei aceitasse tornar-se cristão, juntamente com sua esposa e seus oito filhos (CEHUSICU, 1975, p. 214). No entanto, o padre, sabendo que não teria ninguém para permanecer ali e dar continuidade à evangelização, e também porque não queria enfurecer o Monomotapa, batizando primeiro o vassalo dele, disse ao rei de Inhame que esperasse para ser batizado noutra ocasião.

Passado um mês, um português de nome António Caiado, que vivia na região de Monomotapa, foi ter com o padre Silveira na qualidade de enviado especial do imperador de Monomotapa, para levar Gonçalo da Silveira ao rei (CEHUSICU, 1975, p. 216). Assim, dom Gonçalo, acompanhado de alguns portugueses e certos nativos, partiu para Tete, a caminho de Monomotapa. Sena distava cerca de 300 quilômetros da residência oficial do rei de Monomotapa e, por essa razão, as diligências para a chegada de uma mensagem a Monomotapa e posterior resposta levavam cerca de um mês (SCHEBESTA, 2011, p. 95).

Nesse percurso, dentre os vários acontecimentos narrados, Bertha Leite destaca o facto de o padre ter operado um milagre ao batizar um nativo moribundo e fazer uma oração por ele, tendo, por isso, o doente se recuperado: “Em Bemba operou o Senhor um milagre num cafre moribundo, de quem o padre se compa-

deceu, baptizando-o com o nome de Luís e rezando-lhe em seguida o Evangelho. Viu-o imediatamente erguer-se já são e pedir alimento” (LEITE, 1946, p. 168).

Na noite de Natal, chegaram a uma região chamada Chetuchim ou Quituquim, já perto de Monomotapa. Ai o padre celebrou três missas. Gonçalo de Oliveira entrou no reino de Monomotapa em 26/12/1560 (CORREIA, 2006, p. 51; SCHEBESTA, 2011, p. 96). E, no mesmo dia, teve a sua primeira audiência com o rei, que lhe ofereceu presentes, como ouro, bois e servos. Dom Gonçalo da Silveira agradeceu, mas não aceitou os presentes, afirmando que o imperador iria saber logo que tipo de ouro e riquezas ele tinha ido buscar àquele lugar. O imperador ficou admirado com tal procedimento e recebeu Gonçalo da Silveira com demonstrações de respeito e satisfação, como nunca tinha ocorrido por ali (CEHUJICU, 1975, p. 216; LEITE, 1946, p. 169-173). Os dois tornaram-se amigos e o padre tornou-se uma pessoa de confiança do rei, a ponto de permitir que ele entrasse nos seus aposentos particulares, onde ninguém tinha entrado até então.

O rei providenciou uma palhota para o padre Gonçalo, na área da sua residência, onde o padre levantou o seu altar, encimado com a imagem da Virgem Maria. O rei e sua mãe concentraram as suas atenções nessa imagem e o padre Gonçalo aproveitou a oportunidade para falar-lhes sobre a sua religião (SCHEBESTA, 2011, p. 97). Numa das audiências em que António Caiado serviu como intérprete (CEHUJICU, 1975, p. 216), na conversa travada entre padre Gonçalo e o rei, este quis saber quantas mulheres, quanto ouro, quantos bois e quantos campos o padre necessitava, ao que o padre respondeu que não pretendia nada daquilo, senão o próprio rei. Tempos depois, o padre Gonçalo da Silveira conseguiu batizar o rei com o nome de Sebastião, em homenagem ao rei português dom Sebastião (1554-1578), e a mãe do rei com o nome de Maria (CEHUJICU, 1975, p. 220; SCHEBESTA, 2011, p. 97), afrontando, de algum modo, as tradições religiosas locais (LIPSCHUTZ; RASMUSSEN, 1989, p. 177; NICOLAIDES, 2011, p. 134). Alguns membros da corte também receberam batismo e “ao que tudo indica, deu-se início ali a uma onda de cristianismo. Toda a gente queria ser baptizada” (SCHEBESTA, 2011, p. 97). Tal como já havia ocorrido em Tongue, em pouco tempo o padre batizou, no reino, cerca de 400 pessoas (SCHEBESTA, 2011, p. 97). O Cehujicu (1975, p. 216) acrescenta que, no dia do batismo, o imperador ofereceu uma centena de bois a Gonçalo da Silveira e este ordenou a António Caiado que mandasse matar os bois e distribuisse a carne pelos mais pobres.

O padre Gonçalo da Silveira tornou-se uma pessoa respeitada e notável no reino, inclusive pelo próprio rei. Isso causou certa inveja entre algumas pessoas que detinham alguma influência sobre o rei. Trata-se de Mingames ou Minguames – o nome é apresentado de forma variada como, por exemplo, Mingames, Minguames, Mingoanes, Aligamus etc. (CHADWICK 1910, p. 90) –, líder de uma seita, auxiliado por quatro procuradores (LEITE, 1946, p. 178-179). O Cehujicu (1975, p. 220), na mesma linha, refere que os que conspiraram contra Gonçalo foram quatro mouros, liderados por Minguames, mestre do culto supersticioso, a quem chamavam por Cacício. O Cehujicu (1975, p. 220) explica o episódio, nos seguintes termos,

Estes, maometanos, uns pessoalmente, outros por intermediários, manifestaram ao rei que lamentavam imenso que ele se deixasse levar por Gonçalo, pondo em perigo a sua vida e o próprio reino. Gonçalo que mostrava tanto zelo pela

religião, tinha vindo como um enviado do rei da Índia e dos régulos de Sofala para conhecer a situação do rei e aliciar as populações para a rebelião, uma vez que esta se declarasse, eles viriam com um grande exército contra o rei.

E sobre os milagres realizados pelo padre, diziam que

Eram mistificações e Gonçalo não era senão um mago terrível e sagaz; trazia drogas e medicamentos para subjugar os habitantes e assassinar o rei. Todos aqueles que consentiam que Gonçalo lhes derramasse água na cabeça, pronunciando palavras de langários (assim chamam os portugueses), caíam imediatamente debaixo do seu domínio, quer quisessem, quer não. Isso já tinha acontecido, e por isso o rei devia ver bem o que fazia e a pessoa em quem confiava (CEHUIJICU, 1975, p. 220).

Schebesta (2011 [1966], p. 97) diz que, sobre as acusações e morte do Padre Gonçalo, existem duas fontes que podem ser consideradas aceitáveis: a primeira é António Caiado e a segunda é Luís Fróis, S. J. (1532-1597). Para António Caiado, em carta a um dos seus amigos da Zambézia, o que causou a morte do padre foram calúnias feitas pelos mouros que faziam parte do palácio real, que fizeram chegar ao rei acusações que fizeram que esse não hesitasse em mandar matar o padre. Esses mouros desempenhavam, no reino, as funções de ngangas⁶ e adivinhos; eram também tidos como feiticeiros e acusavam o sacerdote de três delitos:

Acusavam o missionário de três delitos: 1. Que seria um espião dos governadores da Índia e de Sofala e teria vindo para recolher informações sobre o território. Isto, para preparar a chegada de um exército, que havia de matar o rei e conquistar o país. 2. Que teria vindo a mando de Chipute o soberano de Kiteve, a fim de subornar um conselheiro real contra o rei, fazendo crer que ele seria um usurpador, e não o verdadeiro rei. 3. Que, finalmente, o baptismo que ele pregava e administrava não era mais que um rito mágico. Ao aspergir as pessoas com água, ele tornava-se dono delas; e ao pronunciar as palavras desse rito, elas acabavam por produzir um efeito tal que ninguém lhe podia resistir, ficando sob o seu total domínio. Era o que tinha acontecido em Sofala, que acabou por se entregar aos portugueses. Era acusado de possuir outros elementos de magia, tais como manter a chuva e o sol prisioneiros dentro de umas ossadas (tratar-se-ia, possivelmente das relíquias); e, sendo assim, possuía o poder de, através da fome e da seca, acabar por roubar ao rei o seu reino (SCHEBESTA, 2011 [1966], p. 98).

Esses relatos, embora apresentem mais detalhes, coincidem, de alguma forma, com aqueles feitos por Leite (1946, p. 182-183), o Cehujicu (1975, p. 220) e por Correia (2006, p. 54-55). Para Roufe (2015), pelo imperador de Monomotapa manda executar Gonçalo da Silveira porque suspeitavam que ele tinha poderes sobrenaturais, estava possuído pelo espírito de Dzivaguru-Karuva e Chicara, e era um traidor enviado por um fumo chamado Capote, do grupo dos mongazes. Chicara⁷ era o espírito da princesa inimiga de Monomotapa, que havia, há anos, travado parte de suas conquistas e que tinha desaparecido em combate, perseguida pelo Monomotapa. Então, acreditava-se que tinha regressado da morte como espírito maligno.

6 Praticantes de medicina tradicional.

7 Era costume que os inimigos do reino fossem considerados espíritos malignos após a sua morte.

Depois de ouvir essas informações, o rei e a mãe acreditaram e convenceram-se de que a solução era mandar matar Gonçalo da Silveira. Antônio Caiado rogou a favor do padre Gonçalo perante o rei, mas não bastou. A princípio, o rei queria expulsar o padre das suas terras, mas boatos postos a correr pelos mouros diziam que, se o rei permitisse a saída de Gonçalo das suas terras, este, por meio de feitiçarias, podia levar o país a uma guerra civil, sugerindo, assim, que o melhor seria matar o padre. Caiado levava todas essas informações ao padre Gonçalo, como forma de o alertar sobre o perigo iminente por que passava, ao que o padre apenas respondia: “o Senhor zela por tudo” (SCHEBESTA, 2011, p. 98).

No sábado, 15 de março de 1561, o padre Gonçalo administrou 50 batismos. Esse facto irritou o rei (SCHEBESTA, 2011, p. 98) e, no mesmo dia, o imperador de Monomotapa mandou matar Gonçalo da Silveira, tendo este sido enforcado com uma corda ao pescoço e seu corpo, lançado ao rio Mosenguese (TAVARES, 2021, p. 120).

Schebesta (2011, p. 98-99) argumenta que há muitas controvérsias sobre a morte do padre Gonçalo. Dentre todas, para ele, a versão de Antônio Caiado parece ser a mais óbvia. Caiado, numa carta que escreve a um seu amigo morador na Zambézia, afirma que naquele dia ter-se-ia confessado a dom Gonçalo, quando o padre lhe contou que ia morrer e disse-lhe que não temia a morte, que apenas temia pelo mal que poderia acontecer aos outros. Acrescentou que ele estava mais preparado para a morte do que os mouros que exigiam a cabeça dele. O padre referiu igualmente que perdoava o rei e sua mãe, pois sabia que eles tinham sido incitados pelas calúnias dos mouros. Caiado não avança detalhes sobre o tipo de morte a que o missionário foi sujeito, porém refere que o crucifixo do padre foi encontrado num canto da sua habitação e relata que o cadáver teria sido arrastado até o rio Musengedzi, onde foi lançado (SCHEBESTA, 2011, p. 99). No entanto, não há testemunhas da morte do padre Gonçalo da Silveira (SCHEBESTA, 2011, p. 97).

Já Luís Fróis se baseia nas declarações de Calisto, que foi acompanhante do padre Gonçalo, embora tenha recolhido informações de outras pessoas. Contudo, Schebesta (2011, p. 99) explica que Calisto não tinha sido testemunha ocular do assassinato. Teria informado ao padre Fróis o que ouvira de dois empregados de Caiado – que este o tinha mandado passar a noite com o padre, na noite do assassinato. Calisto conta que, na data do seu assassinato, o padre Silveira passou a noite a caminhar de um lado para o outro, em frente da sua palhota, rezando e suspirando, como se estivesse prestes a iniciar uma viagem. Depois disso, foi aos seus aposentos, onde se ajoelhou diante do crucifixo e adormeceu. Os assassinos, cerca de sete ou oito, teriam aproveitado esse momento, irromperam pelo quarto e estrangularam o missionário.

Schebesta estranha o facto de não existirem testemunhas oculares do assassinato do padre Gonçalo da Silveira e também de nunca se ter encontrado o seu cadáver. Segundo esse autor, em 1569, o padre Monclaro procurou o cadáver do padre Gonçalo, sem sucesso. Algumas pessoas de Monomotapa teriam informado o padre de que o cadáver de Gonçalo teria sido despedaçado, esquartilhado e arrastado em várias direções, pois os mouros acreditavam que os brancos, com o recurso de feitiços, tinham o poder de voltar à vida. O padre Fróis relata que, pouco tempo depois, o rei arrependeu-se da sua decisão e mandou prender as quatro pessoas que o haviam incitado à morte do padre Gonçalo da Silveira, tendo dois sido executados e dois fugido (SCHEBESTA, 2011, p. 104).

Schebesta (2011, p. 104-105) defende também que todos os cronistas estão de acordo com o facto de terem sido as insinuações dos ngangas que instigaram o rei a mandar matar o padre Gonçalo, mas esse autor aponta que as acusações avançadas contra o padre Silveira eram, principalmente, de cariz político e, por isso, questiona o que teria acontecido para que os mouros desejassem livrar-se do padre Gonçalo. Afirma que era evidente que os mouros eram inimigos declarados do sacerdote, porém o que não é muito evidente são os motivos que determinaram esse facto, se foi por razões políticas, religiosas ou económicas. Na sua argumentação sobre isso, Schebesta (2011, p. 105) avança que naquela altura não se conheciam missionários nem as suas atividades naquele lugar. Por isso, não se podem descortinar eventuais animosidades dos mouros contra o padre Gonçalo, mas sabia-se que, em questões político-económicas, os portugueses eram adversários de peso, e o que havia acontecido com Sofala era a prova disso. É nessa altura que entra em Monomotapa “o primeiro emissário do poderio português, sediado em Goa e em Sofala. É natural que o seu receio de que o comércio que praticavam pudesse vir a ser abalado, como acontecera em Sofala” (SCHEBESTA, 2011, p. 105). Schebesta afirma que nada mostra que o padre Gonçalo, na corte do Monomotapa, tenha entrado em conflitos religiosos com os mouros. Isso fortalece a hipótese de a morte do sacerdote estar mais ligada a razões político-económicas do que religiosas. O mais provável é que padre Gonçalo tenha criticado os mercadores portugueses devido à sua camaradagem com os negociantes mouros. “Terá Gonçalo começado a tecer críticas à visível imoralidade de comerciantes e de garimpeiros, como já o tinha feito em Sena?” Se sim, era natural que os próprios mercadores portugueses o encarrassem como inimigo (SCHEBESTA, 2011, p. 105).

Outro evento estranho sobre a morte de dom Gonçalo, relatado por Schebesta (2011, p. 106), é o facto de, no dia da sua morte, seus criados terem se afastado dele e dois nativos terem sido enviados para estarem junto do padre naquela noite. Só na manhã do dia seguinte é que os dois criados, até então as pessoas mais próximas do padre Gonçalo, procuraram saber o que havia acontecido e se indagar. Schebesta (2011, p. 106) afirma que “tantas incongruências são entranhas” e é por isso que a morte do padre Gonçalo da Silveira permanece, ainda hoje, uma incógnita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gonçalo da Silveira é reconhecido como o primeiro missionário do sudeste africano (SCHEBESTA, 2011) e o protomártir da África Austral (REA, 1960; CORREIA, 2006; WILMOT, 1896, p. 167). Desde 1631, tem havido várias tentativas para o desenvolvimento do processo apostólico de beatificação de Gonçalo da Silveira, em reconhecimento das suas virtudes heroicas, mas até o momento tal ainda não foi decretado pela Congregação para a Causa dos Santos da Igreja Católica (TAVARES, 2021, p. 106-122). Segundo Correia (2006, p. 72), Alexander Wilmot (1836-1924) tinha a ideia de investigar o andamento das ações para a beatificação do padre Gonçalo, mas apercebeu-se de que “Silveira foi martirizado nas possessões portuguesas, [que a] petição para continuar o processo fosse feita pelos soberanos portugueses” (CORREIA, 2006, p. 72). Correia acrescenta que essa iniciativa de Wilmot, em inícios do século XX, provocou um certo otimismo entre os jesuítas na Rodésia (hoje Zimbábwe), sobre a possibilidade de

se beatificar o padre Silveira. “O P. Geral da Companhia de Jesus, Luís Martin, interessou-se e o P. Camilo Beccari, postulador das causas para a Companhia de Jesus, tomou esta a seu cargo” (CORREIA, 2006, p. 73), mas descobriu-se que havia algum defeito formal que implicaria que se reexaminasse o processo iniciado em 1630, o que, em si, significaria ter de reiniciar um novo processo apostólico, que foi colocado sob a responsabilidade do cardeal Giuseppe Antonio Ermenegildo Prisco (1833-1923), arcebispo de Nápoles, juntando-se, dessa forma, às causas dos mártires jesuítas na Etiópia. Isso se formalizou pelo decreto de 7 de janeiro de 1910 e, desde então, o processo da beatificação do padre Gonçalo da Silveira encontra-se parado e sem perspectiva de reabertura (CORREIA, 2006, p. 73). Recentemente, o arcebispo Peter Zurbriggen, nuncio apostólico em Moçambique, mostrou-se interessado em reativar o processo, mas as informações obtidas na Cúria Geral, em Roma, não foram reconfortantes (CORREIA, 2006, p. 74).

Todos esses episódios fazem com que muitos aspetos, tanto sobre a morte quanto sobre a possibilidade de beatificação de Gonçalo da Silveira, fiquem por esclarecer.

GONÇALO DA SILVEIRA, S. J. (1521-1561): THE FIRST MISSIONARY AND PROTOMARTYR OF SOUTHERN AFRICA

Abstract: Gonçalo da Silveira, S. J. (Almeirim, February 23, 1521-Mwenemutapa/Monomotapa, March 15, 1561), arrives in Mozambique in March 1560 to evangelize in the missions of Gamba, Tongue, Inhambane, and Monomotapa – Portuguese spelling of Mwenemutapa –, the mighty African kingdom between the south bank of the Zambezi River and the Limpopo river, with the capital presumably in Khami, now in the region of Matabeleland, in Zimbabwe. He arrives in the kingdom of Mwenemutapa Chisamharu Negomo Mupunzagutu (c. 1543-c. 1589, emperor from c. 1560 to c. 1589), on December 26, 1560, and Gonçalo da Silveira became a person of his entire trust, so much so that he allowed him to enter into his private chamber. About a month after Silveira’s arrival, Mwenemutapa was baptized with the name Dom Sebastião and his mother, Dona Maria. All studies point out that Gonçalo da Silveira’s main antagonists were the Muslim merchants, who felt threatened by their commercial and religious interests. In a contemporary reinterpretation of the historical facts, Gonçalo da Silveira has been accused of being possessed by the spirits of Dzivaguru-Karuva and Chicara and being a betrayer sent by a fumo named Capote of Mongazes group. In fact, on March 15, 1561, the young Mwenemutapa ordered Gonçalo da Silveira’s assassination by hanging. His body was thrown into the Musengedzi River and has never been found. Gonçalo da Silveira is considered the first missionary and the protomartyr of Southern Africa.

Keywords: Mozambique. Mwenemutapa. Missionary. Martyrdom. Jesuits.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, F. M. G. de. *A ordem das Ordens Religiosas: roteiro identitário de Portugal (séculos XII-XVIII)*. Lisboa: Edição Caleidoscópico, 2017.

- CARVALHO, S.; SERRA, C.; MOREIRA, J. *História de Moçambique*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1988. v. 1.
- CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS ULTRAMARINOS DA JUNTA DE INVESTIGAÇÕES CIENTÍFICAS DO ULTRAMAR. *Documentos sobre os portugueses em Moçambique e na África Central 1497–1840*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1975. v. III.
- CHADWICK, H. *Life of the venerable Gonçalo da Silveira of the Society of Jesus: pioneer missionary and proto-martyr of South Africa, from original sources*. New York: Benziger Brothers, 1910.
- CHIRENJE, J. M. Portuguese priests and soldiers in Zimbabwe, 1560–1572: the interplay between evangelism and trade. *The International Journal of African Historical Studies*, v. 6, n. 1, p. 36-48, 1973.
- CORREIA, F. A. da C. *O venerável padre Gonçalo da Silveira: proto-mártir da África Austral (1521–1561)*. Braga: Apostolado da Oração, 2006.
- COSTA, A. M. de C. S. N. da. *O caso do Muenemutapa: penetração e impacto do capital mercantil português em Moçambique nos séculos XVI e XVII*. Maputo: Cadernos Tempo, 1982.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Mwene Matapa. 2009. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Mwene-Matapa>. Acesso em: 1º dez. 2021.
- FUNDAÇÃO GONÇALO DA SILVEIRA. Gonçalo da Silveira (1521–1561). [s. d.]. Disponível em: <https://fgs.org.pt/pt/fgs-2/goncalo-da-silveira/>. Acesso em: 19 set. 2021.
- INTERNATIONAL COUNCIL ON MONUMENTS AND SITES. *World Heritage List n. 365*. Zimbabwe. Khami Ruins National Monument. Icomos, 1986.
- KERR, A.; WRIGHT, E. (ed.). *A dictionary of world history*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- LEITE, B. D. *Gonçalo da Silveira*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1946.
- LIPSCHUTZ, M. R.; RASMUSSEN, R. K. *Dictionary of African Historical Biography*. 2. ed. expanded and updated. Berkeley: University of California Press, 1989.
- NICOLAIDES, A. Early Portuguese imperialism: using the Jesuits in the Mutapa empire of Zimbabwe. *International Journal of Peace and Development Studies*, v. 2, n. 4, p. 132-137, 2011.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Khami Ruins National Monument*. [s. d.]. Disponível em: <https://whc.unesco.org/em/list/365/>. Acesso em: 1º dez. 2021.
- REA, W. F. *Gonçalo da Silveira: protomartyr of Southern Africa*. Salisbury, Southern Rhodesia: Rhodesiana Society, 1960.
- RODRIGUES, F. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1931. t. 1, v. 1.
- ROUFE, G. The reasons for a murder: local cultural conceptualizations of the martyrdom of Gonçalo da Silveira in 1561/Les motifs d'un meurtre. Conceptualisations culturelles locales du martyre de Gonçalo da Silveira en 1561. *Cahiers d'Études Africaines*, v. 55, n. 3, p. 467-487, 2015.
- SANGER, C. W.; BRADLEY, K.; INGHAM, K. Zimbabwe. *Encyclopedia Britannica*. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Zimbabwe>. Acesso em: 1º dez. 2021.

SCHEBESTA, P. *Portugal: a missão da conquista no sudeste de África: história das missões da Zambézia e do Reino Monomotapa (1560-1920)*. Lisboa: Missionários do Verbo Divino, 2011 [1966].

SEVERO, C. *Os jesuítas e as línguas: contexto colonial Brasil-África*. Campinas: Pontes Editores, 2019.

TAVARES, M. M. V.-B. *Gonçalo da Silveira, um missionário da primeira globalização: as primeiras missões jesuítas na África Oriental no século XVI, em Tongue e Karanga/Monomotapa*. 2021. Dissertação (Mestrado em História do Império Português) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2021.

WILMOT, A. *Monomotapa (Rhodesia): its monuments, and its history from the most ancient times to the present century*. London: T. Fisher Unwin, 1896.